



RELATO DE UM JOVEM PESQUISADOR FRENTE AO IMPACTO DA PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19: Instituições de Ensino Cívico-Militar de Mato Grosso (1986 – 2017)

Junior César Lopes dos Santos¹

1.1 Apresentação

Sou pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), turma de 2020, e faço parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Instituições e Gênero (GPHEG), o qual tem como Coordenadora a Prof.^a Dra. Nilce Vieira Campos Ferreira. Pesquisamos as Instituições de Ensino Cívico-Militar em Mato Grosso no recorte de 1986 a 2017. Sou licenciado em Matemática (UFMT) e Bacharel em Direito (UNIVAG), lotado no Corpo de Bombeiros Militar do estado de Mato Grosso desde 1998. Atualmente laboro na Corregedoria Geral da instituição, mas já exerci inúmeras funções desde a minha inclusão, a qual exerço em paralelo com minhas pesquisas de mestrado.

1.2 O início da pesquisa

O início do ano de 2020 trouxe espanto, medo, aflição e sobretudo terror à humanidade, pois fomos atingidos pela Pandemia causada pelo Novo Coronavírus, COVID-19, o qual causa a Síndrome Respiratória Aguda Grave, conhecida pela sigla SARS-CoV-2.

A pandemia causada pela COVID-19, microorganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ficou familiarizado no início da pandemia como “novo coronavírus”, pegando o Mundo de surpresa, disseminando-se em curto espaço de tempo em nível mundial. A pandemia deixou inúmeras famílias à mercê do acaso, do impossível, do

¹ *Mestrando em História da Educação, participante do Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação, Instituições e Gênero (oficialjunior77@gmail.com). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6073-9208>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5935029103269864>.*



inimaginável, veio sem aviso prévio e afastou inúmeras pessoas de suas famílias e entes queridos, tanto antes quanto após o contágio. Infelizmente muitos não deram o devido crédito ao terror que estava se instalando e isso ajudou a propagar a doença, como ainda acontece nos dias atuais. De tantos infectados, parte conseguiu se recuperar, mas milhões perderam a vida.

Eu fui um dos que conseguiram sobreviver, pois passei 15 (quinze) dias no vale da sombra da morte. Embora eu respeite quem não acredite em Deus, eu creio e ajoelhei algumas vezes pedindo clemência. Hoje estou aqui e posso trazer esse relato de ter sobrevivido a uma pandemia e ainda conseguir cursar o mestrado, que é um sonho antigo que estou prestes a concluir.

A pandemia nos impossibilitou de dar o último adeus, o último abraço e de nos despedirmos. Criou barreiras intransponíveis, tanto física quanto mentalmente, já que após contaminados ninguém mais tinha acesso a pessoa, não houve mais apertos de mãos e abraços, todos se esquivavam ao passar pelo próximo, cumprimentos se tornaram mais escassos, pois havia o medo da propagação do vírus pelo ar, o que era natural, já que uma vez contaminado as chances de sobreviver eram pequenas, dado as dúvidas e incertezas, inclusive pelos cientistas e agências de saúde.

Recordo-me bem de ver em alguns noticiários que, após serem atestadas as mortes pelo corpo médico dos hospitais, as pessoas eram colocadas em sacos plásticos (de lixo) e ninguém, absolutamente ninguém, seja rico ou pobre, podia impedir ou fazer algo adverso, já que as ações eram legalizadas por cada ente da federação. Muitas famílias não tiveram a oportunidade de ter contato com o corpo de seus entes, logo ainda havia dúvidas quanto às formas e/ou às possibilidades de contágio.

Não houve o adeus junto ao familiar e não houve despedida. Lembro-me que perdi muitos amigos, em especial um de infância, que ainda esse ano estive em meu apartamento realizando reparos na parte elétrica, se chamava Abdon, tinha 40 anos de idade, casado, pai de família e recém-engenheiro elétrico. Isso me abalou muito, não só a morte dele, mas de tantas outras pessoas. Fiquei muito comovido porque, apesar de ter passado pela mesma doença, sobrevivi.

A pandemia nos ensinou da pior forma que somos todos iguais, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição, que somos de carne e osso, possuímos fraquezas e que somos impotentes.



Todo esse contexto pandêmico também nos ensinou que, por mais triste que seja a dor de perder um ente, seja pai, mãe, filho, entre outros, aliada à desinformação dos canais abertos, falta de investimentos em saúde pelos poderes públicos, problemas na educação, saneamento básico, moradia, entre outros direitos dispostos na Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB/1988), fizeram com que esse mal se potencializasse.

Esse cenário não só atingiu o macro, entretanto, houve reflexos dentro das famílias, instituições, empresas, órgãos públicos, universidades, escolas, entre outros. Os reflexos foram aumentando paulatinamente com as decisões desmedidas e sem qualquer nexos dos gestores por meio de seus decretos, os quais se traduziam com os fechamentos, isolamentos sociais, com novas tentativas de medidas de contenção, todas sem ou com quase nada de efetividade. Não se sabe ao certo o resultado dessas medidas e até que ponto isso se refletirá na economia e na saúde. As universidades e escolas, sejam públicas ou privadas, também sentiram e foram atingidas. Todavia, os cursos de pós-graduação conseguiram editar normas e dar continuidade aos seus projetos, mesmo com todo esse cenário, envolvendo mortes, dificuldades em acessar acervos e contatar pessoas. As pesquisas seguiram, os desafios foram – e estão sendo – grandes para que os prazos e metas sejam cumpridos e objetivos sejam atingidos.

Os alunos pós-graduandos, ou seja, doutorandos e mestrandos, não interromperam suas investigações, pelo contrário, tiveram que ter resiliência, vez que os prazos permaneceram, as cobranças continuaram, muitas atividades e trabalhos, só que com uma pitada de dificuldade ainda maior. As orientações foram distanciadas. Creio que, por esse motivo, tive muita dificuldade em alinhar pensamentos, nortear minhas pesquisas, recriar métodos de buscas pelas fontes e dados, agora num cenário pandêmico e com cuidados redobrados, já que, se contaminado, o medo da morte era certo.

Julgo que realizar pesquisas em nível de pós-graduação num cenário pandêmico, no qual consta no site do Ministério da Saúde, já houveram 612.370 óbitos no Brasil, sendo 13.729 no Mato Grosso, o que se torna um grande desafio (BRASIL, 2021).

Todo esse medo da contaminação e da possibilidade de não nos recuperarmos nos deixou inquietos e angustiados. Primeiramente porque, em caso de contaminação, não tínhamos garantia alguma de cura, ninguém sabia o que fazer, onde recorrer, nem tampouco os setores públicos de saúde ou privados tinham as respostas. A princípio, o Ministro da Saúde mandou todos ficarem em casa, de igual forma os meios de comunicação, a exemplo



disso citamos campanha conduzida pelos artistas da Rede Globo de Televisão. Posteriormente, foram traçados novos direcionamentos com a substituição do Ministro da Saúde, sendo que tais atitudes demonstravam que pouco se sabia a respeito da doença, muitos arriscaram, poucos acertaram.

Enfim, em meio a tantas boas intenções, houve também quem quis obter vantagens e os processos de corrupção por desvios de verbas públicas aumentaram nos tribunais do País. A exemplo, citamos o governador Wilson Witzel, do estado do Rio de Janeiro, o qual sofreu cassação e se tornou o primeiro governador a ser cassado em um processo de *impeachment* na história da República, em virtude de irregularidades durante a pandemia.

A pandemia trouxe impacto às pesquisas, em especial a minha, uma vez que as dificuldades em acessar arquivos físicos foram enormes, mas, graças à internet e aliado ao fato de que muitos setores públicos já possuem seus arquivos digitalizados, houve a possibilidade de dar continuidade e andamento à minha investigação.

Minha pós-graduação, como já dito no início deste relato, teve início em 2020 e, na ocasião, tive a oportunidade de realizar duas reuniões presenciais com minha orientadora e com o GHPEG, sendo suficientes apenas para delinear o meu tema, qual seja, “As Instituições de Ensino Cívico-Militar de Mato Grosso (1986 – 2017)”. A partir de então, as pesquisas, as investigações, as orientações e a busca por fontes e dados prosseguiram por meio virtual, em plataformas de acessos e de videoconferência, o que ao meu ver trouxeram dificuldades, tanto aos acadêmicos quanto ao corpo docente.

As minhas pesquisas preliminares apontaram que existiu no recorte de estudo apenas 02 (duas) unidades de ensino que se amolda ao tema, quais sejam: a então Escola Estadual de 1º Grau da Polícia Militar Tiradentes, criada em 1986, inaugurada em 1987, a qual se denomina atualmente de Escola Estadual da Polícia Militar Tiradentes (EEPMT) e encontra-se sediada no bairro CPA-I; e a Escola Estadual da Polícia Militar Tiradentes de Rosário Oeste/MT, a qual teria sido criada em 1993 e desativada em 2000. Logo, nosso objeto de estudo se resume a EEPMT, em Cuiabá/MT.

1.3 Dificuldades encontradas para a condução da pesquisa durante a pandemia

Inicialmente incube dizer que as pesquisas foram conduzidas em paralelo com as atividades laborais, o que representa um desafio aos que se aventuram nessa jornada. Embora



o nosso Estatuto (Lei n.º 555, de 29 de dezembro de 2014) disponha da previsão de Licença para Qualificação, a qual consiste “[...] no afastamento do militar estadual, sem prejuízo de seu subsídio e assegurada a sua efetividade para todos os efeitos da carreira, para frequência em cursos, no país ou exterior, não disponibilizado pela instituição [...]”, esta não se amolda a minha condição, já que o próprio estatuto dispõe ressalvas quanto à realização do curso na mesma localidade da lotação do servidor (MATO GROSSO, 2014).

Ainda que minha situação não se amolde ao disposto no estatuto, a adequação da grade de trabalho em paralelo às minhas pesquisas possibilitou maior dedicação, apesar de entender que tal legislação deveria ser revisada, pois, mesmo estando no mesmo polo, as dificuldades em conduzir estudo e trabalho requer do acadêmico muita dedicação, propósito, esforço e sobretudo abdicação do descanso e tempo com a família.

Quanto às medidas tomadas pelos chefes do poder executivo nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal, as quais estavam alinhadas com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS) e objetivavam conter a disseminação do novo coronavírus, podemos afirmar que as dificuldades para a realização da pesquisa se resumiram a duas em relação ao acesso às instituições públicas:

- a) contato e visita à estrutura;
- b) acesso aos acervos para coleta de dados e fontes.

As medidas tomadas pelos gestores públicos trouxeram prejuízos a todos os/as os/as pesquisadores/as, haja vista o contato via telefone no período ter ficado mais difícil. Se por um lado ninguém mais atendia ligações, por outro, alguns assuntos se resolviam pelo aparelho por meio do aplicativo *whatsapp*, e-mail ou *chat*. Com isso, as tratativas ganharam volume e, por consequência, as filas, que antes eram físicas, se tornaram virtuais nos órgãos públicos, isso devido às demandas. Quanto aos que optaram pelo contato por e-mail ou chat, tiveram maior facilidade em se adequarem às mudanças, já que as empresas e órgãos públicos se reinventaram e melhoraram o seu atendimento *online*.

Com relação ao acesso e visitas aos acervos, houve a restrição de 100% destas aos prédios públicos em 2020, já que tudo passou a se resolver por meio eletrônico, redes sociais, chat, entre outros, dado a impossibilidade de receberem pesquisadores em razão das deliberações das autoridades em saúde pública, os quais proibiram o acesso para restringir ou evitar a concentração de pessoas a fim de prevenirem a contaminação pelo novo coronavírus.



O acesso aos arquivos se resumiram aos que já estavam digitalizados e nos sites institucionais. Quando haviam documentos digitalizados, o envio dos arquivos eram realizados via e-mail. Em 2021, as normativas foram ficando mais flexíveis, o que trouxe um pouco mais de possibilidades aos pesquisadores. Nesse período iniciaram as visitas aos acervos, pesquisas de campo, entre outras, e a velha corrida atrás do prejuízo trazido pela pandemia.

No caso do meu objeto de estudo, qual seja, EEPMT, havia inúmeras legislações disponíveis no site institucional, mesmo assim solicitei autorização junto à direção da escola, a qual tem como Diretora a Tenente Coronel Policial Militar Evandra Caroline Taques Senderski. Na ocasião, foi autorizada a minha visita e pude conhecer toda a estrutura e acessar o acervo escolar, fui acompanhado pelo 1º Sargento Policial Militar Jeferson de Paula Pacheco, o qual me recebeu de forma cordial e forneceu todas as informações solicitadas, bem como concedeu uma vasta documentação, dentre elas, todos os Decretos pertinentes à criação, denominações, Regimento Interno, Projeto Político-Pedagógico, entre outros.

A visita ocorreu no início de 2021 quando as normativas referentes às restrições (isolamento social) já estavam mais flexíveis, ainda que as aulas não tivessem começado. No entanto, o quadro administrativo já havia retornado às suas atividades internas, o que facilitou o contato com a direção e a visita à escola.

Quanto à visita, pude conhecer toda a estrutura, consultar leis, normas, decretos, saber como é o funcionamento da EEPMT, acesso, regime escolar, corpo docente, quais alunos a escola atende, entre outras informações. Durante a conversa com o Sargento Pacheco ocorreu uma situação inusitada e, ao mesmo tempo, uma grande e importante descoberta, já que, segundo o Sargento, o primeiro diretor da EEPMT teria sido um Bombeiro Militar, Major Durval Firmino de Magalhães.

Diante dessa informação, contatei o Major, o qual se encontrava acometido pela COVID juntamente com a esposa e filha, porém me atendeu muito bem e, diante do seu quadro de saúde, remarcamos uma nova data. Em seguida, após a melhora de sua saúde, agendei uma visita, oportunidade em que tomamos um café e prosemos muito a respeito de sua carreira militar, suas funções e missões institucionais, tanto da PM quanto no CBMMT. Pude me apropriar de informações que não se encontravam nos anais da história da PMMT e EEPMT. Durante a nossa conversa, pude entender os motivos que levaram à criação da



escola, o seu percurso histórico, as denominações que sofreu ao longo do tempo, dentre outras.

Contudo, ao meu ver, a informação que julgo mais valiosa foi a de ter existido uma segunda escola, a qual foi criada em 1993 e desativada misteriosamente em 2000, dado que, em consulta à internet e aos sites institucionais, nada se descobriu a respeito, exceto um vídeo postado no “YouTube” em que um morador de Rosário Oeste/MT, insatisfeito com o abandono do prédio público, tece algumas críticas às autoridades municipais e estaduais, já que o prédio pertence ao município.

No referido vídeo, o morador destaca que na localidade teriam funcionado, além da EEPMT/Rosário Oeste, a Universidade Federal de Mato Grosso e a UNIC. Todavia, a criação do prédio teria sido para atender interesses e funcionar como Escola Agrotécnica, o que está sendo investigado em um outro artigo.

1.4 Palavras Finais

Esse relato buscou trazer informações pertinentes ao impacto da pandemia causada pela COVID-19 frente às minhas pesquisas em nível de mestrado pelo PPGE do IE/UFMT, onde pesquisei as Instituições de Ensino Cívico-Militar de Mato Grosso (1986 – 2017). Inicialmente o relato buscou apresentar como se sucederam as investigações nesse período pandêmico que, embora tenha havido a vacinação de quase totalidade da população Mundial, ainda existem números de pessoas sendo infectadas. De igual forma, também buscou apresentar as dificuldades e os desafios enfrentados, os quais foram imensuráveis dado as impossibilidades de realizar visitas aos órgãos públicos e acervos, objetivando a coleta de informações a serem trabalhadas.

A pandemia impossibilitou e/ou prejudicou o desenvolvimento de algumas pesquisas. Por outro lado, pôde demonstrar que somos vulneráveis e ao mesmo tempo resilientes, já que, mesmo diante desse cenário caótico, o PPGE não só de Mato Grosso, mas em nível nacional, manteve suas agendas, o que pode ser observado nos diversos eventos e encontros que o GPHEG participou em 2020.

Por fim, compreendemos que qualquer pesquisa, da mais simples a complexa, realizada tanto no âmbito dos programas de Pós-graduações quanto das graduações, requer do pesquisador dedicação máxima e exclusiva para que se torne uma boa investigação.



Importante ressaltar que é imperioso que o/a orientador/a também cumpra a sua tarefa, qual seja, de orientar o aluno a fim de que esse não fique a ver navios durante o seu curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **COVID**. Homepage, 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

MATO GROSSO. **Lei Complementar nº 555, de 29 de dezembro de 2014**. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 2014.